



*Flavio
Correa*

FEB Octagenária

No próximo dia 9 de agosto, a Força Expedicionária Brasileira completará 80 anos. Criada pela Portaria Ministerial 4744, após o Brasil ter declarado guerra aos países do Eixo, a FEB foi formada pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária-1ª DIE, com o objetivo de conter o avanço alemão sobre o território da Itália, e teve seu comando entregue ao General João Batista Mascarenhas de Moraes. A Força enviou 25.334 homens para o campo de batalha, dos quais 469 morreram em ação. O distintivo “a cobra está fumando” era uma referência ao que se dizia na época: “Será mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil participar do conflito na Europa.” Mas a cobra fumou. Foi uma resposta ao Presidente Getúlio Vargas, que descartava a participação brasileira na guerra. Os pracinhas abatidos no conflito são hoje considerados heróis nacionais, e seus restos foram sepultados no Cemitério Militar Brasileiro em Pistoia. Em 1960, 467 deles – já que um permaneceu em solo italiano a pedido daquele país e outro não foi encontrado – foram trasladados para o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial¹, no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, em emocionante

desfile pela Avenida Rio Branco, assistido por milhares de pessoas que, em contrito silêncio, prestavam sua homenagem aos compatriotas que deram suas vidas lutando pela democracia e pela liberdade. Ao fim do desfile, as urnas foram simbolicamente entregues ao Presidente Juscelino Kubitschek, que as aguardava no sopé da belíssima obra de arte, de autoria de Marcos Konder Netto e Hélio Ribas Marinho.

Como, infelizmente, reverenciamos muito pouco a nossa história, quase ninguém se lembra, por exemplo, de que o Brasil participou, ainda que modestamente, ao lado dos aliados, na Primeira Guerra Mundial. Enviou, por exemplo, oito navios de guerra para o conflito no Mediterrâneo e na Costa da África. Ou do envio de uma comissão de médicos da Divisão Naval de Operações de Guerra-DNOG. Os 156 brasileiros mortos foram enterrados no Cemitério de Dakar. Em 1928, iniciou-se o traslado desses restos mortais para um Mausoléu construído no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

1. O Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial foi idealizado e construído por iniciativa do Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes. (Nota do Editor).

Voltando à Segunda Guerra, eu sempre me emociono quando vejo e ouço as crianças italianas cantando a Canção do Expedicionário em português, em empolgantes cerimônias que envolvem as comunidades de Montese, Fornovo di Taro, Castelnuevo e Monte Castello, entre outras, além de Pistoia, onde existe um monumento aos nossos pracinhas. Os italianos não se cansam de anualmente agradecer a bravura e o heroísmo dos soldados brasileiros que os italianos reverenciam como “I libetatori”. Ainda agora, em 14 de abril, eles comemoraram festivamente nossa vitória na Batalha de Montese, a mais sangrenta que a FEB enfrentou e cuja conquista desmoronou o sistema defensivo alemão. Enquanto isso, as homenagens feitas no Brasil foram modestas, quando existiram.

A última celebração com pompa e circunstância que merece foi realizada quando a Fundação Armando Álvares Penteado-FAAP, em parceria com o Jornal do Brasil, procedeu a uma inesquecível exposição iconográfica sobre o tema, além de um ciclo de memoráveis palestras que lembraram o acontecimento então sexagenário.

O presidente da FAAP e Conselheiro Curador da FUNCEB, Dr. Antônio Bias, recentemente me presenteou com um livro espetacular, cujo título é O Brasil e Monte Castelo. Por quê? Como? Para quê?, que conta a história como ela deve ser contada, com a riqueza de detalhes e com a grandeza que merece. Esse livro é uma obra antológica e engrandecedora da memória do Exército e, consequentemente, do Brasil.

Com a participação de várias personalidades, o livro começa com um primoroso editorial escrito por dona Celita Procopio de

Carvalho, presidente do Conselho Curador da FAAP, apresentação feita pelo General de Exército Francisco Roberto de Albuquerque, então Comandante do Exército, que com toda a razão nos lembra de que “o preito a nossos heróis, o culto das tradições da Pátria e o estudo da História do Brasil são deveres cívicos”. No notável prefácio da lavra do sempre brilhante General Sergio Roberto Dentino Morgado, ele nos brinda com esta reflexão: “Uma sociedade que não

se emociona e não reflete com o seu passado, com seus erros e acertos, tende a não ter futuro promissor.” Por tudo isso, oxalá pudéssemos reproduzir este ano o que foi feito há duas décadas.

A verdade é que esse livro reacendeu em mim o velho desejo de construir em São Paulo um Memorial da FEB. Como sabemos, a FUNCEB tem desde seu início uma estreita ligação com nossos Ex-combatentes. Logo depois de receber a outorga da Rádio Verde-Oliva de Brasília há 23 anos, hoje uma das líderes de audiência na Capital Federal, dedicamos toda a

nossa atenção ao nosso primeiro grande projeto: a restauração do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, que estava muito avariado pelo tempo. Lembro-me, como se fosse hoje, da primeira visita que fiz, na qualidade de primeiro presidente da FUNCEB, ao Monumento. Fiquei estarecido: as urnas estavam boiando vítimas de uma infiltração das águas do mar da Baía de Guanabara. Graças ao esforço de muitos que se dedicaram à empreitada e com o inestimável apoio da iniciativa privada, que financiou a maiúscula obra, o Monumento foi reinaugurado pouco depois em comovedor solenidade aplaudida pela sociedade, que se fez presente em grande número e que

“O presidente da FAAP e Conselheiro Curador da FUNCEB, Dr. Antônio Bias, recentemente me presenteou com um livro espetacular, cujo título é O Brasil e Monte Castelo. Por quê? Como? Para quê?...”

Flavio Correa

contou com a participação do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. Coube a mim proferir o discurso oficial, o que me causou forte emoção, um momento cívico de que jamais me esquecerei.

Tem origem aí o desejo de fazer algo em São Paulo para cultuar a história dos nossos heróis febianos. Afinal, São Paulo enviou o segundo maior contingente de soldados, superado apenas pelo Rio de Janeiro, que acabava de receber o seu espetacular monumento. Não posso deixar passar a oportunidade, por evidente bairrismo, de mencionar os 1.880 conterrâneos gaúchos que também embarcaram no porto de Santos para fazer parte de um exército verdadeiramente brasileiro, integrado por pracinhas de todas as regiões do país, como bem enfatiza a bela Canção do Expedicionário.

Lembro-me de quando fizemos uma apresentação de iniciativas da FUNCEB para o Presidente Lula, em seu segundo mandato, no quartel de Barueri. Quando ele se encantou com nosso projeto Soldado Cidadão, eu mencionei a ideia do Memorial, e ele aplaudiu. As circunstâncias do momento, entretanto, não permitiram que a ideia avançasse, mas a intenção persistiu e persiste até hoje. Eis que acaba de surgir uma nova oportunidade. Em parceria com a Associação dos Ex-combatentes de São Paulo, poderá acontecer um projeto na Praça Heróis da FEB, na região de Santana. Magnífica praça em excelente local, próximo ao Campo de Marte e onde já existem algumas importantes relíquias, como um hélice do contratorpedeiro Mariz e Barros, que escoltou o transporte da FEB para a Itália, um hélice de um avião P-47 Thunderbolt do Esquadrão Senta a Pua e um canhão antiaéreo Bofors de 40mm, totalmente recondicionado por iniciativa do General de Exército Adhemar da Costa Machado Filho, então Comandante do Comando Militar do Sudeste, donde foi promovido para a Chefia do Estado Maior, posto no qual se despediu do EB. Nosso presidente Carlos Roberto Pinto Monteiro está conversando com o Sr. Jairo Junqueira

Arquivo: DPHCEX



Distintivo da FEB

<https://commons.wikimedia.org>



Roteiro da FEB na campanha da Itália

da Silva Filho, presidente dessa entidade, hoje denominada Centro Cultural da Força Expedicionária Brasileira, à qual pertencço como presidente do Conselho. São conversas ainda muito preliminares sobre um projeto complexo, o qual deverá envolver diferentes entidades, como Prefeitura do Município de São Paulo, Associação Comercial, Guarda Civil Metropolitana (esta ocupa o espaço no momento), as Forças Armadas e a iniciativa privada que certamente apoiará tal projeto.

Quem sabe desta vez a nossa FEB Octogenária venha finalmente a ter seu Memorial em São Paulo?

Flavio Correa

Presidente do Conselho de Curadores da FUNCEB